

# A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO ÂMBITO EDUCACIONAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS

2017

**Adrielly Barbara Cavalheiro**  
**Aldiney Ramos de Melo**  
**Beatriz Daltoé Bristot Borges**

Graduandas de Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, BRASIL)

E-mail de contato:

[aldineyrm@gmail.com](mailto:aldineyrm@gmail.com)

---

## RESUMO

Neste artigo pretende-se verificar a influência que o meio da sala de aula pode ter nas formas de brincar e como os professores podem servir de mediadores nesse processo, levando em conta as significações das brincadeiras e como elas podem estimular tanto o desenvolvimento quanto a aprendizagem das crianças, facilitando o processo educacional em sala de aula. Entende-se que é na brincadeira que a criança aprende espontaneamente a representação de papéis que irá exercer no futuro, desenvolve habilidades cognitivas, físicas e de criatividade, pode expressar medos e preocupações, além de proporcionar diversão e prazer a ela. No processo de aprendizagem, a brincadeira deve estimular o interesse e atenção para que surja uma motivação que impulse o descobrimento de novos conhecimentos. As crianças brincam na maior parte do seu tempo, tanto na escola quanto em casa e isso demonstra o grande valor da brincadeira no crescimento delas, ainda que o brincar seja pouco estimulado e até mesmo reprimido, sendo considerado como bagunça ou desordem. Desse modo, a partir de pesquisa bibliográfica, pretendeu-se retomar o histórico da educação infantil no Brasil, definir e relacionar os conceitos de brincar, desenvolvimento e aprendizagem e entender como a brincadeira pode facilitar os processos educacionais.

**Palavras-chave:** brincar, educação infantil, criança, desenvolvimento, aprendizagem.

Copyright © 2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



---

## 1. INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que a brincadeira é a atividade que mais está presente na vida da criança (Cordazzo & Vieira, 2007). Ela é vista sob diferentes perspectivas por teóricos como Piaget, Vygotsky, Freud, Winnicott, entre outros. Além disso, ela engloba aspectos sociais, educacionais, de entretenimento, aprendizagem e desenvolvimento. É na brincadeira que a criança aprende os papéis que possivelmente irá exercer na vida adulta, imagina situações e aprende a se comunicar melhor e a ser criativa (Pedroza, 2005). Já que ela se insere tão fortemente na vida infantil, faria sentido usá-la como um meio para a aprendizagem, aproveitando a motivação própria da criança de brincar e a oportunidade de apresentar um meio de aprender mais agradável que não possui caráter de dever e obrigatoriedade, e claro, orientada pelo professor quando no âmbito escolar (Cordazzo & Vieira, 2007).

Na escola, a brincadeira é vista muitas vezes como uma fuga aos padrões de ensinamento em modelo de sala de aula e pode ser considerada bagunça, mas, se guiada corretamente pelo educador, pode ser de grande contribuição à aprendizagem das crianças. Ele se torna um mediador no processo da aprendizagem, que deve participar, ouvir, observar e interagir com as crianças para que possa realmente ensiná-las por meio de brincadeiras, jogos e brinquedos, mas respeitando sua liberdade e espontaneidade no brincar (Martins, Vieira & Oliveira, 2006). É possível para o professor também, observar através da brincadeira a personalidade de cada criança para a qual ensina, além de seus medos, pensamentos e concepções de mundo e relações sociais (Bomtempo, 1999).

Conforme a criança vai crescendo, mudam seus jeitos de brincar. Quando mais nova, prevalecem os descobrimentos sensoriais e físicos, e, mais tarde, vão ficando mais complexos, envolvendo questões emocionais e de personalidade. Apesar de ser uma atividade que traria grandes benefícios à aprendizagem, a brincadeira ainda encontra obstáculos na entrada dos currículos escolares, pois muitas vezes existe um número muito grande de crianças, faltam materiais ou desenvolvimento profissional especializado suficiente na própria atividade do brincar (Cordazzo & Vieira, 2007).

Assim, compreendida a importância do brincar, da brincadeira e dos jogos na pré-escola e na escola, pode-se perceber a relevância do tema no sentido de que a escola prossegue sendo muito parecida como era há muitos anos atrás, desde seu início, sendo então importante a incorporação desses novos métodos de aprendizagem cognitiva, motora e emocional na vida cotidiana infantil. Dessa forma, cada vez mais pode-se ter um avanço nas técnicas e instrumentos pedagógicos utilizados em indivíduos que se encontram em uma fase tão importante do desenvolvimento humano.

## **2. HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL**

O início da formação de creches no Brasil se deu no final do século XIX, principalmente voltada para a população mais pobre, já que nesse contexto as mães precisavam trabalhar, assim como os pais. Logo, necessitavam de um local no qual pudessem deixar seus filhos menores. Essas creches não eram espaços voltados à educação diretamente, mas sim à higiene, alimentação e o próprio cuidado físico das crianças. Nesses locais eram presentes crianças de aproximadamente 0 a 3 anos e os profissionais que as cuidavam não precisavam ter alguma formação específica, apenas gostar de crianças e do seu trabalho com elas. Dessa forma, nota-se a falta de preparação que existia entre as pessoas que mais tinham contato com essas crianças, evidenciando o papel da creche de apenas oferecer o suporte básico à elas. (Alves, 2011). Nesse período, a influência de uma noção europeia de “civilização” educada alavanca esse surgimento de creches e pré-escolas em todo o país (Kuhlmann Jr., 2000).

O aprimoramento das pré-escolas e jardins de infância para crianças de 4 a 6 anos no Brasil ocorreu a partir da década de 1950 com uma maior profissionalização dos(as) professores(as) nesse ambiente, devido à demanda de uma melhor educação, perdendo o forte caráter da escola de ser apenas assistência social e apoio aos pais. Isso porque estes não podiam estar presentes e passíveis de cuidar dos filhos, apesar disso, ainda hoje a escola e a creche possuem esse caráter assistencialista em muitos locais. (Kuhlmann Jr., 2000).

Em 1975, foi criado pelo Ministério da Educação a Coordenação de Educação Pré-Escolar, que causou mudanças estruturais estabelecendo atendimento à crianças de 4 a 6 anos. No período da ditadura militar foram criadas a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) e suas correspondentes no contexto estadual (FEBEM) (Santos, 2011). É apenas bem próximo ao final do século XX, com o término do regime militar, que são estabelecidas e consolidadas a Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, trazendo maiores direitos às crianças e adolescentes, além de oferecer uma maior atenção à sua educação básica e gratuita. Somente nesse

período que “a legislação nacional passa a reconhecer que as creches e pré-escolas, para crianças de 0 a 6 anos, são parte do sistema educacional, primeira etapa da educação básica.” (Kuhlmann Jr., 2000, p. 6). A partir daí, a educação começa a ser vista como um direito da criança. Em 1999 foi também publicado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil que regem até hoje as mudanças feitas nos projetos pedagógicos escolares nacionais (Santos, 2011).

Assim sendo, o maior enaltecimento da importância da educação infantil no Brasil é muito recente, considerando a criação tardia das leis e diretrizes que regem os modelos de educação no país. A criação de creches e jardins de infância surgiu como uma alternativa aos trabalhadores e trabalhadoras que não podiam ficar em casa para cuidar de seus filhos. Logo algum tempo depois, esse conceito de escola com função assistencialista perde essa característica com a maior profissionalização dos professores e professoras, sendo inserida no contexto público não só a criança de origem pobre, como a de família rica. A ditadura militar conferiu grande retrocesso no período que perdurou, o que foi um empecilho para a educação no país nos anos de 1964 até 1985. A pré-escola passa a ter uma maior qualidade com o fim do regime militar, e, contemplada pelo LDB, o ECA e a Constituição de 1988, a criança torna-se amparada pelos seus direitos de adquirir conhecimento e conviver socialmente para que possa se desenvolver e aprender de maneira saudável e digna.

### **3. BRINCAR, DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM**

Tanto o brincar, quanto o desenvolvimento e a aprendizagem são termos que costumam ser relacionados por diversos autores que trazem suas definições sobre cada um deles. O brincar pode ser analisado por diversas abordagens, e em sua maioria, há uma concordância entre os autores, sendo definido como um fenômeno de alta complexidade, que inicialmente não tem objetivo educacional ou de aprendizagem já pré-definido. É uma atividade que a princípio serve para o prazer e recreação do indivíduo, mas que permite que haja uma interação com os pais e que se explore o meio onde se vive. A brincadeira é estruturada a partir do que se é capaz de fazer, e conforme o nível de desenvolvimento, a criança vai estruturando novas e diferentes competências, e que a partir da brincadeira, irão lhe fazer compreender e atuar de uma forma mais ampla sobre o mundo (Queiroz, Maciel & Branco, 2006).

Partindo da psicologia histórico-cultural, Vygotsky (1998) define que o indivíduo se constitui a partir da sua relação com os outros, e a brincadeira infantil seria uma dessas atividades que mediará a relação entre os sujeitos. A partir disso, rompeu-se a visão de que o brincar seria apenas uma atividade natural de satisfação instintiva infantil, mas algo que constitui os sujeitos e contribui

para o desenvolvimento e aprendizagem dos mesmos. O processo de significação construído a partir do brincar é verificado por Vygotsky, que define que o que é interiorizado na brincadeira não é a realidade em si mesma, mas sim o que esta significa para os sujeitos envolvidos. A criança nasce em um meio cultural com significações sociais já definidas, que são constantemente ressignificadas, e apropriadas pelos sujeitos envolvidos, e na brincadeira não seria diferente. Para ele, essa seria a etapa mais importante da infância, e a partir dessas situações imaginárias, propicia o desenvolvimento da representação, do símbolo, diferenciando o brincar animal do brincar humano.

Ainda que pareça algo relativamente simples, diversos autores citam que identificar as significações que representam o brincar é algo extremamente complexo, pois um mesmo ato pode tanto significar um ato lúdico, quanto uma reprodução de uma ação do cotidiano. Há então uma dificuldade em definir exatamente o que é a brincadeira e quando essa ocorre. Vygotsky (1998) afirma que apesar da brincadeira ser livre, ela possui regras, que conduzem o comportamento das crianças. Por exemplo, uma criança ao brincar de ser mãe com suas bonecas, assume uma postura e comportamentos pré-definidos a partir de seus conhecimentos de figuras maternas.

O desenvolvimento humano, por sua vez, se refere ao crescimento orgânico e ao desenvolvimento mental, que seria uma construção contínua, caracterizado pelo aparecimento gradativo de estruturas mentais, que vão se aperfeiçoando e se solidificando até o momento que em todas elas se caracterizarão em um estado de equilíbrio superior em relação às inteligências, vida afetiva e relações sociais (Bock, Furtado & Teixeira, 2001). Para Vygotsky (1998), o desenvolvimento humano é visto como cultural, fazendo-se necessário de ser mediado por outro, a partir de um processo dialético. A relação do indivíduo com o mundo também é mediada pelo outro, não há como aprender e apreender o mundo se não tivermos aquele que nos fornece os significados para nos fazer pensar o mundo a nossa volta. Para Vygotsky não há um desenvolvimento pronto e natural e por isso esse desenvolvimento se dá de fora para dentro, e é nesse processo de ensino-aprendizagem que ocorre a apropriação da cultura e o desenvolvimento por sua consequência.

A partir de análises de Vygotsky, Oliveira (1993, p. 45) cita “O surgimento do pensamento verbal e da linguagem como sistema de signos é um momento crucial no desenvolvimento da espécie humana, momento em que o biológico transforma-se no sócio-histórico”. A aprendizagem humana se inicia muito antes da entrada da criança na escola, essa ocorre desde o primeiro dia de vida da criança, por estar exposta a elementos da cultura e ter contato com o outro, que é o mediador entre ela e essa cultura. Sendo assim, segundo a concepção de Vygotsky (1998), os mecanismos de desenvolvimento são então dependentes do processo de aprendizagem.

Já na concepção biológica de Piaget, o desenvolvimento resulta da construção de um equilíbrio entre a acomodação e a assimilação, criando uma adaptação dos elementos incorporados,

propiciando o aparecimento de novas estruturas mentais (Bock et al., 2001). Em sua teoria, Piaget (1974) define a brincadeira como uma ação assimiladora, que existe como forma de expressão de conduta, onde a criança vai construindo conhecimentos de forma espontânea e prazerosa. Quando brinca, a criança assimila a sua maneira o mundo à sua volta, sem nenhum compromisso com a realidade, estimulando então os processos de assimilação e acomodação e consolidando essas experiências, e, por consequência, estimulando a aprendizagem.

O brincar é uma atividade que pode levar a criança a situações desafiadoras de resolução de problemas, e assim, preparando ela para a vida adulta. Segundo Antunes (2000), citado por Dudek e Costa (2005), as brincadeiras possuem um grande valor motivacional para as crianças, pois de formas lúdicas e fantasiosas, transformam a brincadeira em conhecimento que se consolida e se desenvolve. Observa-se também que o desenvolvimento intelectual não depende somente da absorção de novas informações, mas também de uma reestruturação dos elementos a partir da assimilação, que a brincadeira traz consigo.

Com o brincar, os objetos perdem a sua força determinadora, pois a partir do momento em que uma criança age e utiliza um objeto de forma diferente daquilo que vê, alcança-se uma condição que se aja independente daquilo que vê (Vygotsky, 1998). A criança acaba por dar novos sentidos a objetos e jogos, rompendo com a relação de subordinação ao objeto, expressando esse caráter ativo que a criança tem em seu próprio desenvolvimento (Queiroz et al., 2006).

Ainda que por muitos autores se defina que a brincadeira é uma atividade prazerosa, para Vygotsky (1998), é uma definição incorreta, pois existem outras atividades que dão prazeres mais intensos que o brincar. Então, o prazer não deveria ser visto como um fator que determine o brincar, ainda que não se deva ignorá-lo, pois ele preenche necessidades da criança e a estimula e cria incentivos para explorar e se desenvolver (Cerisara, 2002).

Também é possível verificar as significações do brincar na perspectiva psicanalítica, onde Winnicott (1975) define que o brincar é universal, sendo somente a partir dele que o indivíduo pode ser ativo e criativo. O brincar se desenvolveria nem na realidade interna, nem na externa, nem no Eu, nem no não-Eu, mas sim em uma zona intermediária, entre ambos, onde ainda que não esteja contido neles, os mantém e os harmoniza. Seria então a partir do brincar que o indivíduo usufriria de forma integral de sua personalidade, e sem necessariamente precisar do uso de muitos brinquedos, a criança precisaria apenas de espaço físico suficiente que a deixe livre e faça o uso dos brinquedos a seu modo, com suas próprias significações deles. É a partir disso que pode-se explicar o apego que algumas crianças têm a brinquedos já danificados e velhos, sendo mais importantes para elas do que brinquedos novos, pois há um significado presente em cada brinquedo, que mantém a sua atratividade. Ainda, é tarefa dos adultos permitir que a criança seja criativa e estimule então a sua auto-expressão, advinda da sua maneira autêntica de brincar (Winnicott, 1982).



Para Freud, citado por Soifer (1992), o brinquedo passa a imitar então a vida adulta, permitindo diferenciar o que é a realidade e o que é fantasia, onde ela elabora seus conflitos e expressa seus sentimentos, angústias e desejos. Então, nas mais diversas abordagens, verifica-se a importância que o brincar tem nesses anos iniciais para a satisfação e criatividade das crianças, vindo a gerar a aprendizagem, e conseqüentemente, o desenvolvimento.

#### **4. COMO O BRINCAR FACILITA O PROCESSO EDUCACIONAL**

Conforme o artigo 9 da Lei nº 12.796 (Brasil, 2013) “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Para que a educação infantil, de fato, contribua para o aprendizado e desenvolvimento da criança de uma forma integral, deve-se implementar a brincadeira como uma ferramenta pedagógica no ensino infantil.

Brincar é uma das atividades mais enriquecedoras para uma criança, além de ser a principal atividade da infância, segundo Cordazzo e Vieira (2007). Deste modo, deve ser cada vez mais explorada no âmbito escolar, pois, se usada de forma correta, pode auxiliar o professor no processo de ensino-aprendizagem. Dudek e Costa (2005) afirmam que a criança constrói conceitos através de processos lentos e graduais, desta forma é interessante apresentar informalmente jogos, para que se possa explorar a espontaneidade e seguir os instintos.

Bomtempo (1999) apresenta que a introdução das brincadeiras e dos brinquedos no âmbito pedagógico requer espaços e materiais, além de preparo do professor e entendimento das diferentes formas de brincar e que cabe ao educador desenvolver novas habilidades em seus alunos, sempre respeitando os jogos ou brincadeiras. O autor também coloca que são poucos os casos em que os programas educacionais preparam os professores para utilizar as brincadeiras a favor da educação e que muitas vezes os educadores não as utilizam, justamente por não saberem justificar as atividades lúdicas no ensino e aprendizagem dos alunos.

Segundo Vygotsky (1998) o papel do jogo muda de acordo com as fases e idades das crianças, no fim da idade pré-escolar da criança, por exemplo, os jogos passam a ser interessantes para a criança somente quando o resultado é favorável a ela. É papel do educador apresentar jogos e/ou media-los de forma a acrescentar na aprendizagem das crianças. Se faz necessário então, apresentar jogos diferentes e/ou novos para que possam despertar a curiosidade e criatividade infantis e, principalmente, agregar a bagagem de conhecimento.

Jogo da memória, ludo, quebra-cabeças, entre outros jogos, são facilmente encontrados em brinquedotecas e, além de proporcionar prazer e divertimento às crianças, desempenham um papel de instrumento no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Segundo Vectore e Kishimoto (2001) essas brincadeiras foram criadas em diferentes épocas, países e por pessoas diferentes, mas que tinham uma visão similar do potencial da brincadeira e assim foram surgindo jogos e brincadeiras com objetivos de ensinar matemática, exercitar a lógica e a cognição das crianças.

Sociabilidade, linguagem e cognição também são estimulados na brincadeira. Através do jogo as crianças conseguem interagir entre si ou com um outro imaginário, conseguem imaginar e vivenciar situações e formular assim resoluções para tais situações (Cordazzo & Vieira, 2007).

De forma descontraída a brincadeira proporciona à criança a liberdade de ser quem ela quer ser, viver o que gostaria de viver ou o que viu e quer imitar e que futuramente pode vir a acontecer em sua vida. Certamente, ajuda no desenvolvimento além de facilitar a aprendizagem, seja de matérias escolares ou de ensinamentos cotidianos. É importante salientar novamente que as crianças aprendem tanto com o auxílio de um educador ou adulto, como na relação e interação com outras crianças durante um jogo. Cada um aprende em seu tempo, uns têm mais habilidades desenvolvidas, outros nem tanto, mas são bons em observar e assimilar que de alguma forma é possível resolver uma situação até então sem solução, e essa também é uma forma de aprender. Brincar também é aprender e ensinar.

## **5. RELAÇÃO DO BRINCAR COM O DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM INFANTIL**

O ato de brincar possibilita inúmeras formas de aprendizagens de conhecimentos novos e desenvolvimento, a partir da sua espontaneidade permite que a criança veja e aprenda coisas de forma leve e divertida no próprio cotidiano e abre um leque de coisas que podem e devem ser exploradas por pais e/ou educadores para enriquecer cada vez mais o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, seja em casa ou na escola. Bomtempo (1999) apresenta que embora não se tenham melhores formas de ensino, o brincar é uma alternativa muito eficiente de aprendizagem e que não é a quantidade de materiais determina a facilitação na aprendizagem, mas sim a forma como se brinca, reforçando assim que o papel do professor é vital para um bom desempenho dos brinquedos e brincadeiras com relação a ensino e aprendizagem.

Vygotsky (1998) é o autor da ideia de zona de desenvolvimento proximal (ZDP). A zona do desenvolvimento proximal de Vygotsky, nada mais é que a distância entre o que ele denomina desenvolvimento real, o que a criança já é capaz de fazer sozinha, sem interferência de terceiros, e o denominado desenvolvimento potencial, que é a parte do desenvolvimento que ainda está



amadurecendo, logo, pode ser melhor desenvolvida com a ajuda de um adulto ou de alguém que já consiga realizar a ação, ou seja, o que a criança consegue fazer com a ajuda de outra pessoa hoje, amanhã ela terá capacidade de fazer sozinha. Por isso, Vygotsky (1998) afirma que o brinquedo cria para a criança uma zona de desenvolvimento proximal, proporcionando à criança a saída da sua zona de conforto, que seria o desenvolvimento real para poder ampliar a aprendizagem no desenvolvimento potencial, com a ajuda de um terceiro capaz de resolver um problema que a criança, ainda, não consegue encontrar a solução sozinha.

Brincadeiras em grupo tem um significado especial para crianças pequenas, elas aprendem muito mais com jogos em equipe do que com séries de exercícios ou lições (Bomtempo, 1999). Bomtempo (1999) destaca ainda, que para que o jogo tenha um cunho didático relevante e realmente útil no processo de aprendizagem deve-se estar presente um desafio, a colaboração de todos os participantes durante todo o decorrer do jogo e a possibilidade de uma auto-avaliação.

Bomtempo afirma que o jogo simbólico ou o faz-de-conta é bastante enriquecedor para a criança, pois é neste tipo de brincadeira que ela consegue expressar as emoções que representam a vida real conseguindo assim organizar e construir seu próprio mundo. “A utilização do jogo simbólico ou de faz-de-conta é outro recurso de grande valia, pois proporciona um maior desenvolvimento cognitivo e social à criança”. (Bomtempo, 1999, p.2). Este tipo de jogo estimula bastante o desenvolvimento cognitivo, social e emocional infantil.

## **6. O PAPEL DO PROFESSOR NA APRENDIZAGEM POR MEIO DA BRINCADEIRA**

Segundo Bomtempo (1999), cabe ao educador o papel de mediador do conhecimento em ambiente escolar e para que o jogo seja um bom instrumento de ensino para as crianças é necessário que o professor goste de brincar e, principalmente, que saiba respeitar a criatividade e espontaneidade das crianças durante as brincadeiras. As brincadeiras são um bom meio de interação entre as crianças onde umas podem ensinar e ajudar as outras a desenvolver habilidades que ainda estavam maturando, proporcionando assim a ZDP proposta por Vygotsky. Para que essa interação se dê da melhor forma possível, é necessário que o professor saiba quando e de que maneira deve interferir no jogo das crianças, sempre procurando guiar e auxiliar fazendo parte do jogo.

Segundo a ideia de Vygotsky (2001, p. 114) "O único bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento". Então, o processo de ensino na escola deve iniciar a partir da zona de desenvolvimento real dos alunos, e com o objetivo de estimular a zona de desenvolvimento proximal das crianças e atingir a zona de desenvolvimento potencial delas. Nesse contexto, o

professor tem um papel claro e necessário para interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, conseguindo estimular o desenvolvimento a partir de demonstrações, fornecimento de pistas, instruções e assistência.

"Isto é, a criança não tem condições de percorrer, sozinha, o caminho do aprendizado. A intervenção de outras pessoas – que, no caso específico da escola, são o professor e as demais crianças – é fundamental para a promoção do desenvolvimento do indivíduo." (Oliveira, 1993, p. 63).

Assim, não só o professor é importante nesse processo, mas também as outras crianças, a partir da troca de informações e estratégias entre elas, o que estimula a zona de desenvolvimento proximal. Como já citado, o brincar e as brincadeiras criam uma zona de desenvolvimento proximal no indivíduo, e o incentivo pelos professores a atividades que envolvam a criança em brincadeiras, principalmente as que promovem o pensamento imaginário, tem forte função pedagógica (Oliveira, 1993).

Muitas vezes, porém, os professores preferem escolher qual tipo de brincadeira ou jogo será utilizado, o que pode de certa forma influenciar na tão importante liberdade de escolha da criança. Com essa obrigatoriedade, a brincadeira perde um pouco a sua característica forte de ser espontânea e livre. Apesar disso, a maioria dos professores costuma aceitar e acatar as sugestões feitas pelos seus alunos (Martins, Vieira & Oliveira, 2006).

Sendo assim, a participação do professor e do educador na aprendizagem infantil no âmbito escolar por meio da brincadeira é vital para que haja tanto essa mediação citada por Vygotsky, quanto uma maior organização da brincadeira para que não se desvirtue da proposta inicial de aprender e ensinar.

## **7. MUDANÇAS NO BRINCAR DURANTE A TRANSIÇÃO PRÉ-ESCOLA E ENSINO FUNDAMENTAL**

Como verificado, as instituições de educação infantil devem garantir o direito das crianças de brincar, como forma de sua expressão, pensamento, interação e comunicação infantil. A partir disso então, torna-se necessária a criação de espaços que permitam atividades livres, que tenham forte significação através do ato de brincar, como forma de colaborar também no processo de ensino-aprendizagem (Hartz, Paulo, Kussler, Santos, Cardoso & Franco, 2012)

Entende-se por educação infantil a etapa que lida com crianças de zero e cinco anos, onde se prepara o indivíduo para o ingresso no ensino fundamental, que inicia-se partir dos seus 6 anos. Na etapa da educação infantil, tanto na fase da creche, que recebem crianças de zero a três anos, quanto na pré-escolar, com crianças de quatro e cinco anos, nota-se que a forma mais efetiva de aprendizagem é a partir do brincar, pois é a atividade mais importante e atrativa para as crianças entre essas faixas etárias. Na faixa etária do zero aos três anos, o brincar é o aspecto fundamental abordado para a aprendizagem, sendo utilizado na maior parte do tempo de forma livre, enquanto na fase pré-escolar, muitos profissionais utilizam o brincar não só como apoio a aprendizagem, mas também como recompensa para bons comportamentos ou após as tarefas principais serem feitas, deixando-as livres para explorar os espaços à sua maneira (Gera & Tassinari, 2008).

É a partir da pré-escola que se começam as mudanças na forma de brincar, pois mudam-se os objetivos traçados pelos professores, que começam a utilizar práticas pedagógicas unidas ao brincar para estimular a aprendizagem, e preparar a criança psicologicamente para as mudanças que ocorrem no ensino fundamental. Segundo Elkonin (1969), as brincadeiras de papéis são as principais da segunda metade da fase pré-escolar, onde a criança reproduz situações reais de suas convivências com adultos, e é a partir disso que é desenvolvida a habilidade da imitação, servindo como uma ferramenta fundamental na aprendizagem, que a prepara para a etapa seguinte.

Quando se inicia o ensino fundamental, a criança se depara com um ambiente totalmente diferente do que lhe era de costume, onde não é mais possível ter a liberdade para brincar livremente a todo momento. A autora Martinati (2012) define que no currículo escolar tenta-se cortar tudo que lembre a infância e o divertimento, pois há uma pressa para uma rápida alfabetização, sobrepondo o divertimento e o lazer das crianças, que acabam por não aprender tanto, passam a interagir menos com seus colegas e aproveitam pouco dessa fase das suas vidas. Os adultos e parte dos professores veem a escola como um ambiente que tem por função majoritária o ensinar, e o brincar acaba por ser empurrado para os horários livres que a criança teria no recreio, nas aulas de educação física, nos horários após a aula, ou mesmo passando a ser algo que fosse exclusivo para educação infantil (Casagrande, 2014), vendo que então é dada pouca importância para essas atividades após a fase pré-escolar.

Em alguns estudos, observou-se que alguns professores do ensino fundamental, ainda que com frequência reduzida, tentam manter atividades lúdicas, brincadeiras no parquinho, contação de histórias, para uma tentativa de adaptação mais rápida das crianças nessa etapa escolar, porém, cita-se que a cobrança da equipe pedagógica, do currículo e dos pais é que haja o ensino e acabe a brincadeira nesse contexto educacional. Outros citam que o problema estaria relacionado com a educação infantil, que não permite a inserção de cadernos e o início da alfabetização, fazendo assim uma crítica ao excesso de brincadeiras e o pouco ensino que se daria nessa etapa (Barboza, 2014).

Assim, verifica-se que a problemática em questão é como essa retirada brusca do tempo de brincar nesse ambiente pode ser prejudicial para o aprendizado da criança e o seu desenvolvimento, pois sem um atrativo, perde-se grande parte do potencial de aprendizagem do aluno. Com jogos e brincadeiras é possível fazer o espaço escolar ser mais agradável, prazeroso e estimulante para a criança, principalmente nessa fase transicional e de letramento e alfabetização, sendo possível utilizar jogos de alfabetização que facilitam esse aprendizado de uma forma menos cansativa e mais divertida. Uma forma que se verificou para estimular o brincar no âmbito educacional seriam a partir das brinquedotecas, onde haveriam variedades de brinquedos que estimulariam de diversas formas as crianças e contribuiria para a aprendizagem e a adaptação nos anos iniciais do ensino fundamental. A brinquedoteca é um ambiente que delimita a hora de brincar e controla o brincar a partir de práticas pedagógicas, podendo ser utilizado para ensinar valores para as crianças e dar responsabilidades para essas, servindo então como gratificação e recompensa para bons comportamentos e ao cumprir suas tarefas.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se a partir do que se foi exposto que o brincar tem um papel fundamental na vida das crianças, principalmente no aprendizado e desenvolvimento infantil. Os jogos e brincadeiras podem e devem ser levados e utilizados em campo escolar para auxiliar de diferentes maneiras na relação ensino-aprendizagem.

Dessa forma, seria um erro definir a brincadeira, somente, como um passatempo para distração das crianças. A brincadeira ajuda as crianças a exercitarem e desenvolverem cognição e sociabilidade, aprendendo a conviver com o outro e, ao mesmo tempo que ensina algo, intrinsecamente, dá a liberdade de a criança ser quem ela quer ser e possibilita que ela possa exercitar a resolução de problemas sozinha, ou com o auxílio de um terceiro que já consiga resolver. Fica com o educador o papel de inserir e mediar as brincadeiras para que tenha como finalidade agregar conhecimento aos participantes e aumentar, cada vez mais, a vontade de aprendizado dos mesmos.

Assim, a inserção de brincadeiras e jogos pedagógicos nas escolas deve ser incentivada e colocada como estratégia que tem a contribuir no processo de aprendizagem das crianças nas escolas. Uma alternativa muito interessante para a inserção das brincadeiras na escola é a partir das brinquedotecas, que atualmente são modelos de união de práticas pedagógicas com formas de brincar, facilitando assim o processo educacional. Logo, como apresentado no decorrer desta análise, a importância da brincadeira no aprendizado é enorme e afeta o modo como a criança absorve o que lhe é ensinado e o que levará de conhecimento para a vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, B. M. F. (novembro, 2011). Infâncias e educação infantil: aspectos históricos, legais e pedagógicos. *Revista Aleph*, ano V, n. 16, p. 1-19.

Barboza, G. M. (2014). *Agora, acabou a brincadeira! Rupturas e descontinuidades no processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental*. In: IV Colóquio internacional, educação cidadania e exclusão: didática e avaliação. Rio de Janeiro: Editora realize.

Belo, F., & Scodeler, K. (2013). A importância do brincar em Winnicott e Schiller. *Tempo psicanalítico*, 45(1), 91-101

Bock, A. M. B., Furtado, O., & Teixeira, M. L. T. (2001). *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Editora Saraiva.

Bomtempo, E. (1999). Brinquedo e educação: na escola e no lar. *Psicol. Esc. Educ.*, vol. 3(1), p. 61-69.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes da educação nacional. <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)> Acessado em: 15 jun. 2017

BRASIL. Lei 12.796, de 4 de Abril de 2013. Altera e atualiza as bases e diretrizes da educação nacional.

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1)>  
Acesso em: 15 jun. 2017

Casagrande, B. E. C. (2014). *A criança e o brincar: desafios na transição da educação infantil para o ensino fundamental*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil.

Cerisara, A. (2002). De como o Papai do Céu, o Coelho da Páscoa, os anjos e o Papai Noel foram viver juntos no céu!. *Zero-a-Seis*, 4(5), 1-13.

Cordazzo, S. T. D. & Vieira, M. L. (junho, 2007). A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. *Estud. pesqui. psicol.*, vol. 7(1), p. 89-101.

Dudek, C. & Costa, R. R. (2005). O brincar e a aprendizagem na educação infantil de quatro a seis anos. *V Educere*, PUC-PR, III Congresso Nacional da Área da Educação, p. 1339-1350.

Gera, M. Z. F., & Tassinari, A. M. (2008). O espaço do brincar na educação infantil: um estudo em creches e pré-escolas. In: IX Encontro de Pesquisadores do Uni-FACEF, Franca/SP. *Anais do IX Encontro de Pesquisadores do Uni-FACEF*.

Hartz, A., Paulo, A. S., Kussler, D., Santos, G., Cardoso, V. C. S., & Franco, L. A. (2012). A importância do brincar no ensino fundamental: crianças em fase de alfabetização. *Rev. Conhecimento online*, Ano 4, vol.5.

Kuhlmann Jr., M. (2000). Histórias da educação infantil brasileira. *Revista Brasileira de Educação*, n. 14, p. 5-18.

Martins, G. D. F., Vieira, M. L. & Oliveira, M. F. (2006). Concepções de professores sobre brincadeira e sua relação com o desenvolvimento na educação infantil. *Interação em Psicologia*, vol. 10(2), p. 273-285.

Oliveira, M. K. (1993). *Vygotsky*. São Paulo: Scipione.

Pedroza, R. L. S. (2005). Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar. *Rev. Dep. Psicol.*, vol. 17(2), p. 61-76.

Piaget, J. W. F. (1974). O Direito à Educação no Mundo Atual. *Para Onde Vai a Educação*: Rio de Janeiro: José Olympio, p. 31-90.



Queiroz, N. L. N., Maciel, D. A. & Branco, A.U. (2006). Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 16(34), 169-179.

Santos, V. G. (novembro, 2011). Breve Histórico da Educação Infantil. *Web Artigos*.

Vectore, C. e Kishimoto, T. M. (2001). Por trás do imaginário infantil: explorando a brinquedoteca. *Psicol. Esc. Educ.*, vol.5(2), p. 59-65.

Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente*. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.